

ZERO

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, ABRIL DE 2016 - ANO XXXV, NÚMERO 1

RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

**Uma análise psicológica
da violência doméstica**

PÁGINAS 8 E 9

ESPECIAL

ESPECIAL

ESPECIAL

ESPECIAL

ESPECIAL

POLARIZAÇÃO

Acirramento político e dificuldades econômicas contribuem para a divisão da sociedade e ampliam a intolerância.

PÁGINA 4

IMPEACHMENT

Falta de jurisprudência gera divergências sobre a legalidade do processo de impedimento de Dilma Rousseff.

PÁGINA 5

ECONOMIA

Entrevistada aborda o papel da economia na crise política do país e como especulações afetam o mercado.

PÁGINA 7

A turma que inicia o *Zero* em 2016 já começa o ano com grandes desafios e importantes inovações. A proposta é fazer um jornal analítico, com matérias aprofundadas e detalhado trabalho de apuração. Exploramos as novas mídias, expandindo o alcance do jornal e compartilhando com vocês fotos, vídeos e entrevistas que complementam nossas reportagens.

Na primeira reunião de pauta percebemos a necessidade de explicar e analisar a crise política no nosso país. Por isso, a edição contém um especial de quatro páginas que buscam analisar os efeitos da atual polarização.

Esse esforço de reportagem não im-

pediu nossos repórteres de investigar outros temas. O Brasil segue enfrentando a violência doméstica, principalmente contra a mulher. Nesta edição, o *Zero* buscou entender o que passa pela cabeça do agressor e o que impede que a vítima o denuncie.

Ao entrevistar duas jornalistas palestinas, mostramos histórias de mulheres que enfrentam batalhas diárias na profissão, cobrindo zonas de guerra onde a liberdade de imprensa é limitada.

Em Florianópolis, monitoramos um dos grandes problemas da ilha: a balneabilidade. A equipe do *Zero* desceu o Rio Ratonos acompanhada de um pes-

gador da região para explorar a origem dessa situação.

E neste ano de Olimpíadas, a equipe do *Zero* conta, em primeira mão, quais seleções vêm treinar em Florianópolis e qual delas usará o Centro de Treinamento da UFSC.

Na universidade, a cada ano cresce o número de alunos que precisam de auxílios permanência. Nossos repórteres conversaram com estudantes que se beneficiam desse serviço.

Em uma reportagem fotográfica, o *Zero* destaca a ocupação dos espaços públicos de Florianópolis, levando cultura para as ruas.

Boa leitura!

QUADRINHOS

PRA QUEM DIZIA QUE O BOXE BRASILEIRO JÁ ERA POR GABRIEL D. LOURENÇO

Panel 1 (Top Left): A MAIOR LUTA DA HISTÓRIA DA NOBRE ARTE ESTÁ ACONTECENDO NESSE EXATO MOMENTO. E JÁ DURA TANTOS ASSALTOS QUE TODO MUNDO PREFERE APOSTAR NO NOCALITE.

Panel 2 (Top Middle): NO CORNER ESQUERDO, O DEFENSOR DO CINTURÃO, SR. E, FAMOSO POR SUAS DEFESAS E CONTRA-ATAQUES. É CONHECIDO PRINCIPALMENTE PELOS SEUS CRUZADOS DE ESQUERDA...

Panel 3 (Top Right): ...E NO CORNER DIREITO, O SR. D. ÁGIL E TÁTICO, SEU ESTILO AGRESSIVO, QUE PREFERE CERCAR O OPOSTO E PRESSIONÁ-LO. É CONHECIDO POR APOSTAR TUDO NOS SEUS GOLPES.

Panel 4 (Middle Left): ATÉ AGRORA, OS ÚNICOS VENCEDORES GARANTIDOS SÃO: 1) OS APOSTADORES, QUE TÊM FINANCIADO OS TREINOS DE AMBOS OS LUTADORES DESDE QUE O BOXE É BOXE...

Panel 5 (Middle Middle): ...2) A INDÚSTRIA FARMACÊUTICA, GANHANDO HORRORES COM QUEM PREFERE APAGAR OS SINTOMAS AO INVÉS DE TRATAR SUA INTOLERÂNCIA A OPINIÃO CONTRÁRIA...

Panel 6 (Middle Right): ...E 3) A NETFLIX, QUE IRÁ COMBATER A PIRATARIA NO PAÍS COM UMA SÉRIE QUE É A CARA DO BRASIL: HERÓIS MESSIÂNICOS, PALAVRÃO E MUITO JEHINHO BRASILEIRO.

Panel 7 (Bottom Left): APOSTAS: APOSTA METADE EM CADA UM, MAS NA REVANCHE, NÃO NA DE AGRORA.

Panel 8 (Bottom Middle): VOCÊ TERIA ALGUM REMÉDIO CONTRA ESTRESSE POR OPINIÃO DOS OUTROS? TENHEI ATÉ OS DA HERBALIFE, MAS NADA FUNCIONA. MAS É A OPINIÃO DA MINHA TIA DO INTERIOR!

Panel 9 (Bottom Right): SE A CAUSA FOR TEXTÃO NO FACEBOOK, JÁ AVISO: TARJA-PRETA É SÓ COM RECEITA MÉDICA. ...E PRA NÃO FICAR IGUAL HOUSE OF CARDS, A GENTE MÊTE UMAS BRIGAS NA RUA!

CRÔNICA

Amor nas entrelinhas MARINA OLIVEIRA

Há quem diga que escrever é arte. Outros dizem que é puro treino, fruto de uma dedicação de horas em frente a uma tela ou a um papel enquanto do lado de fora da janela os carros buzina, as pessoas gritam e algum vizinho coloca uma música – geralmente desagradável – no volume máximo. Não importa. No fim das contas, o que se quer mesmo é atingir o leitor: em cheio, no peito. Leitura fatal e irremediável.

A literatura é dessas amantes quietas que vêm cheias de dengo. Algumas vezes, anuncia no título sua força e intenção. Outras, vem tímida sem mostrar muito propósito de ser, mas aí o mocinho não termina com a mocinha no final da história e então você é pego tão de surpresa que se apaixona pelo inusitado. E, como todo apaixonado que se preze, sai por aí falando do seu amor até cansar o ouvido alheio.

Durante a história, o maior desejo é que percamos a noção do tempo, de quem somos e dos planos que tínhamos para o futuro. Queremos nos perder e nos reencontrar no fim de cada conto, de cada narrativa diante dos nossos olhos inquietos. Queremos acumular paixões literárias. Por personagens, estilos narrativos, lugares, autores, histórias. Ah, as histórias...

O que todos nós queremos é sempre o mesmo: uma pai-

xão arrebatadora, pra nos fazer sonhar dia após dia com aquele enredo maravilhoso, singular e “como se encaixa com a minha vida. Parece que eu estava ali, que eu vivi aqui-lo”.

Ainda que o jornalismo não pareça ter a mesma vitrine desses amores perfumados e bem vestidos, é feito do mesmo material: linhas e espaços. E se a base é a mesma, e se no fim tudo que é feito é contar uma aventura, um momento da vida, que essa história carregue os olhos e os pensamentos para o além página. Que seja sempre permitir conhecer o Zé das Frutas que, através do seu olhar, amplia sua vizinhança para todos aqueles que se aventurarem por aquelas linhas.

Para ter o peito atacado por essa locomotiva, advirtolhes, é preciso certo preparo: um local silencioso, uma poltrona confortável, um corpo desperto e uma xícara da sua bebida favorita. Mas, não há problema algum se o seu local for uma estação de metrô lotada, em um banco de pernas bambas, no fim de um dia exaustivo de trabalho e no calor insano da cidade grande. Quando for pra ser amor, ainda que literário, será. E você não poderá resistir. Entregue-se e aproveite. Que seja infinito enquanto durem as linhas.

PARTICIPE!

Mande críticas, sugestões e comentários:

zeroufsc@gmail.com
(48) 3721-4833
/jornalzero
@zeroufsc

Departamento de Jornalismo - Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Trindade, Florianópolis (SC) - CEP: 88040-900



3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil
EXPOCOM 1994



Melhor Jornal Laboratório - I Prêmio Foca
Sindicato dos Jornalistas de SC 2000



Melhor Jornal-Laboratório
EXPOCOM SUL 2015



Melhor Jornal-Laboratório do Brasil
EXPOCOM 2015



Melhor Peça Gráfica
Set Universitário / PUC-RS
1988, 1989, 1990, 1991, 1992 e 1998

EQUIPE

Amanda Casemiro, Ana Carolina Vaz, Betina Ramos, Carol Andrade, Felipe Freitas, Gabriel Daros, Gabriel Neves, Gabriela Bankhardt, Gabriela Prestes, Gisele Flôres, Gustavo Cruz e Souza, Icaro Navarro, João Marcos Halliday, Juliana Fernandez, Leonardo Filomena, Lívia Rezende, Lucas Weber, Luciane Toledo, Luisa Scherer, Malena Wilbert, Manuel Vitart, Marina de Oliveira, Matheus Alves, Miriam Amorin, Nahomía Laureiro, Pedro Stropasolas, Roberta Bucheler, Rubens Lopes, Taynara Nakayama, Vitor Shimomura, Willian Rotta

EDIÇÃO

Gabriela Pederneiras e Michel Gomes

CAPA

Gabriel Neves

PROFESSORA RESPONSÁVEL

Janara Nicoletti
SC 02957 JP

MONITORIA

Cintya Ramlov e Fernanda Costa

IMPRESSÃO

Gráfica Grafinoorte

TIRAGEM

5 mil exemplares

DISTRIBUIÇÃO

Nacional

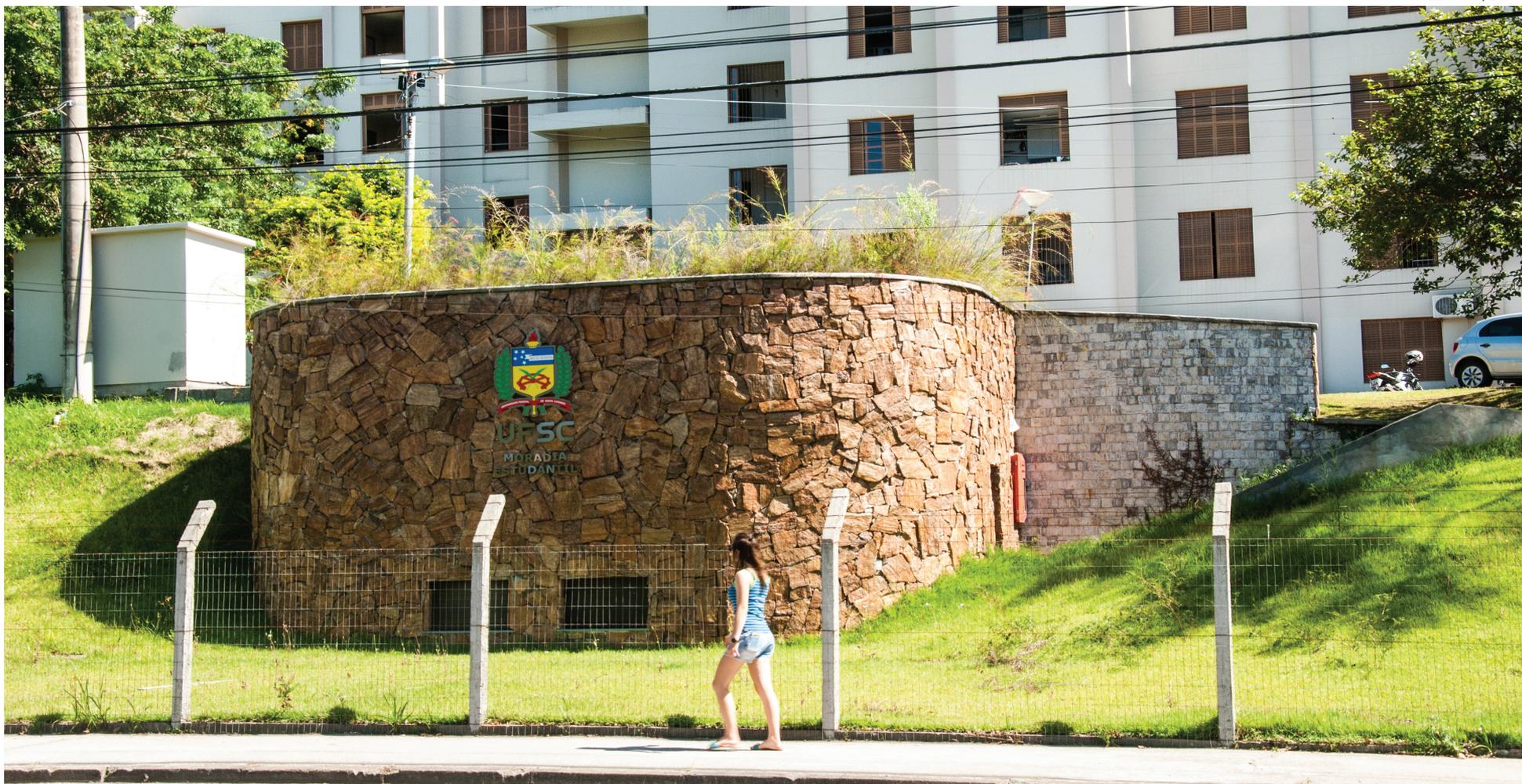
FECHAMENTO

13 de abril

Pedidos para moradia estudantil podem ser feitos até final de abril

Nove vagas foram abertas para o primeiro semestre de 2016 e inscrições são realizadas pela internet

Nahomie Laurore/Zero



No segundo semestre de 2015, 62 alunos solicitaram vaga na moradia estudantil, mas apenas 18 conseguiram ter acesso ao benefício disponibilizado pela UFSC

Termina no dia 26 de abril o prazo de inscrições para a Moradia Estudantil da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Foram abertas nove vagas para o primeiro semestre de 2016: cinco para homens e quatro para mulheres, sendo que duas são para deficientes.

As vagas são destinadas aos alunos regularmente matriculados em um curso de graduação presencial no campus de Florianópolis. Para receber o benefício, os estudantes devem ser provenientes de outras cidades, ter o cadastro socioeconômico aprovado e comprovar renda familiar bruta mensal de até 1,5 salário mínimo por pessoa.

A inscrição deve ser feita até 26 de abril pelo site: www.prae.ufsc.br/cadastro-online. Os alunos que não conseguirem efetivar a inscrição pela internet, por não cursarem a carga horária mínima do curso, devem preencher o “Formulário de Inscrição na Moradia Estudantil”, entregar uma cópia do atestado de matrícula e uma declaração da Coordenação de Curso, justificando a situação, na recepção do Serviço de Atenção Socioassistencial da Cordenadoria de Assistência Estu-

dantil (CoAE/PRAE), localizada no piso térreo da Biblioteca Universitária. O formulário está disponível na página da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE).

A Moradia Estudantil da Universidade Federal de Santa Catarina disponibiliza 167 vagas para alunos da graduação presencial. Existem vagas para intercambistas, que são encaminhadas pela Secretaria de Relações Internacionais (Sinter). São 12 vagas disponíveis para alunos do Mercosul e seis para africanos em cursos de verão, que acontecem nos meses de janeiro e fevereiro. Um controle de vagas é realizado quinzenalmente na tentativa de otimizar a ocupação dos espaços.

A grande demanda em relação à capacidade da Moradia Estudantil e de outros programas de assistência oferecidos pela Universidade é um problema. No segundo semestre de 2015, por exemplo, 62 alunos se inscreveram para vagas na Moradia Estudantil, mas apenas 18 foram contemplados, segundo o relatório anual da PRAE.

De acordo com dados publicados no site da Universidade, cerca de 30 mil estudantes estão matriculados nos cursos de graduação e para aqueles que comprovem baixa renda, são ofere-

cidos os auxílios: Bolsa Estudantil, Auxílio Moradia e Isenção no Restaurante Universitário (RU).

Neste primeiro semestre de 2016, a UFSC ofereceu 1.025 Auxílios Moradia no valor de R\$250; 2.050 Bolsas Estudantis, no valor de R\$ 550; e nove vagas na Moradia Estudantil; além da isenção no Restaurante Universitário (RU). No segundo semestre de 2015, a PRAE, disponibilizou 2.577 isenções no restaurante. Apenas o Campus de Florianópolis possui Moradia Estudantil. Nos Campi de Araranguá, Curitiba e Joinville são oferecidos apenas o Auxílio Moradia e a Bolsa Estudantil.

Programa de assistência precário

Bianca Moraes, natural de Frederico Westphalen, no Rio Grande do Sul, chegou a Florianópolis em 2014 e passou um semestre na fila de espera da Moradia Estudantil. Na época, foi beneficiada com o Auxílio Moradia, recebendo R\$200 por mês. “Eu tinha que arrumar trabalho à noite para comprar comida, material e pagar o valor que faltava do aluguel”. Ela foi selecionada para uma vaga na Moradia apenas na quinta chamada do processo seletivo. “Eu já tinha perdido as esperanças de conseguir, mas um amigo estava aten-

to, viu meu nome na lista e me avisou.” A aluna diz que o Programa de Políticas Públicas da Universidade é precário. “Mesmo recebendo outros benefícios, nunca sobra dinheiro. O custo de vida em Florianópolis é alto, não dá pra comprar livros nem nada.”

Meus melhores anos

Ana Carvalho é de São Luiz, no Maranhão. Estuda Serviço Social e está na UFSC desde 2010. Logo que chegou a Florianópolis procurou saber das políticas que a Universidade dispunha para ajudá-la a se manter na cidade. Por cerca de oito meses foi beneficiada com o Auxílio Moradia e depois foi chamada para uma vaga na Moradia Estudantil. “No início, confesso que não queria, por existir aquele estereótipo de que moradias não são lugares legais de se morar. Só que depois que eu vim, foi bom, porque desmistificou essa imagem. Aqui foram os meus melhores anos e conheci pessoas legais.”

Luciane Toledo

santiagodemelo.luciane@gmail.com

Nahomie Laurore

nahomielaurore@gmail.com

Polarização enfraquece democracia

Professores da UFSC opinam sobre como a divisão ideológica empobrece o debate político no Brasil

O Brasil iniciou o ano conturbado por investigações a representantes políticos e manifestações que defendem pautas antagônicas dentro e fora das redes sociais. Discussões ocorrem o tempo todo, com argumentos fortes de ambas as partes. Com tantos elementos em jogo, vem a pergunta mais difícil de se responder: como o país chegou nesse caos?

O momento atual da democracia e suas manifestações são únicas na história do país, e portanto, difíceis de serem comparadas com casos anteriores, como o Golpe Militar de 1964. Diferenças apontadas pelo professor de Sociologia da UFSC Jacques Mick, são uma população mais instruída, um Brasil metropolitano e a participação de 140 milhões de pessoas nas eleições.

“Embora o descontentamento com o governo Dilma seja absolutamente majoritário, só estão polarizados, num polo à favor da Dilma e num polo ‘anticomunista’, grupos muito pequenos. A maior parte da sociedade se localiza no meio. São sujeitos descontentes que, neste momento, por razões e motivos táticos, acham que é melhor se aliar a um ou a outro grupo”, comenta Mick.

A intolerância ao discurso oposto é mais um ponto marcante da conjuntura atual. Em conversas pessoais é possível interpretar o outro no seu contexto e avançar na direção de um consenso. O mesmo não ocorre nos veículos de comunicação e nas redes sociais. “E grande parte das reações passionais que temos assistido ou ocorrem nas comunicações mediadas ou derivam delas.”

Mick aponta ainda que o desconforto gerado por estas mensagens pode impactar no campo real de modo violento. E que parte da responsabilidade destes eventos é dos veículos noticiosos que fazem a circulação de informações no país. “Uma postagem radical na internet produz, de tal modo, um desconforto na vida real dos que a recebem que leva a alguns desses, não a uma nova conversa, mas a uma reação hostil.”

As possibilidades de desfecho da situação atual são incertas, porém, alguns cenários são projetáveis. O sociólogo e professor de Direito Penal da UFSC, Sandro Sell, acredita que o julgamento do *impeachment* pelo Supremo Tribunal Federal diminuirá a agitação pública, pois ambos os lados confiam nas decisões da instituição. O professor afirma ainda que há a possível cassação da chapa Dilma/Temer como um todo. Neste caso, o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, teria a obrigação de marcar novas eleições – que poderiam ocorrer de maneira direta ou indireta.

Mick, por sua vez, reitera que *impeachment* não equivale a um golpe quando há razões



Em Brasília, tapumes foram erguidos para separar manifestantes pró e contra o *impeachment*

substanciais para o impedimento de um governo e quando tal decisão seja aceita pela maioria do congresso. Porém, “se não houver razão substantiva e for aprovado, vira um problema para a democracia”. Também aponta que o processo não resolverá a situação

“Grande parte das reações passionais que temos assistido ou ocorrem nas comunicações mediadas ou são derivadas delas”

econômica do país devido ao desafio de aplicar uma agenda de medidas contra a crise financeira do governo, que prevê desde cortes até, em última instância, o congelamento do salário mínimo.

O professor afirma que a crise não irá se resolver sem novas eleições que legitimem uma nova liderança e que consigam escapar da polarização PT-PSDB, já enfraquecida pelo histórico de corrupção. “A grande questão é: qual liderança escapa dessa polarização?”

Gestão fragilizada

Para entender os conflitos atuais, é necessário observar as dinâmicas em movimento no Brasil. No campo político, houve a ruptura da coligação PT-PMDB, juntos no governo desde 2003. Como principal consequência, surgiu uma dificuldade de aprovação nas medidas de ajuste econômico que aumentariam o investimento no país, pois a base aliada atual não oferece quórum para aprovar novos projetos. Tal dinâmica impactou numa gestão financeira já fragilizada por déficit em suas contas, dificuldade no pagamento da dívida externa, menor investimento do exterior pela retração econômica mundial e o custo de manutenção dos programas sociais.

O professor de Economia da UFSC Nildo Domingos Ouriques aponta que tal momento era previsto porque o modelo econômico apoiava-se em medidas prejudiciais à economia brasileira, consequência mais evidente a partir de 2009.

“O Plano Real tinha três pilares: o superendividamento do Estado brasileiro, a superexploração da força de trabalho e uma economia exportadora. O que aconteceu agora? O grau de endividamento do Estado é gigantesco. Começou com R\$ 64 bi com o [Fernando Henrique] Cardoso que deixou em R\$ 700 bi, com o Lula ficou em R\$ 1,5 trilhão, e a Dilma colocou em R\$ 4 trilhões. Temos que fazer o ajuste fiscal para pagar a dívida. Só que a dívida, cada vez que paga, cresce mais, porque é juros, amortizações e custos de renegociação.”

Nildo explica que as semelhanças entre as propostas governamentais nas eleições de 2014 eram as mesmas em ambos os partidos, que já compartilhavam o mesmo plano econômico. “O Aécio defendia o 13º salário para o programa Bolsa Família e a Dilma dizia que a inflação é o principal inimigo do homem.” Tal nebulosidade reflete na diferença de votos do segundo turno, com apenas 4,3% de votos a mais para a candidata petista. “Só que a bonança de 2003 a 2009 acabou. E teve que vir a hora do ajuste.”

Além do ajuste fiscal, que gerou descontentamento imediato na classe média, a situação se agravou com as denúncias de corrupção envolvendo a Petrobras na Operação Lava-Jato.

Gabriel Daros
gdaros@gmail.com
João Marcos Halliday
joaohalliday@gmail.com

Legalidade do impeachment é questionável

Falta de jurisprudência causa dissenso sobre a sustentação das acusações enfrentadas pela presidente Dilma Rouseff

O processo de *impeachment*, em tramitação em Brasília, está causando divergências entre juristas. O impedimento é considerado *ultima ratio*, ou seja, medida extrema contra um representante do Poder Executivo democraticamente eleito. Para que ele seja afastado do cargo, tem que ficar provado crime comum ou de responsabilidade fiscal, conforme a Lei 1079/1950. No caso do processo em curso, que prevê o impedimento de Dilma Rouseff, não existe consenso entre os juristas.

No parecer do relator do *impeachment* Jovair Arantes (PTB-GO), o deputado declara que a maioria da doutrina com a qual se alinha, considera que os crimes de responsabilidade são infrações de natureza político-administrativa. Esse termo se refere tanto à natureza da sua sanção (a parte política consistente na perda do mandato presidencial e a parte administrativa relacionada com a inabilitação para o exercício de qualquer função pública), quanto à tipificação aberta (parte administrativa, caracterizada pela maior imprecisão e pluralidade de significados). O objetivo é permitir maior discricção aos parlamentares no momento da tipificação das condutas do Presidente da República.

Segundo o professor adjunto de Processo Penal do curso de Direito da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Alexandre Morais da Rosa, no caso de Dilma, a fundamentação jurídica se dá

pela rejeição do acórdão pelo Tribunal de Contas da União (TCU), das contas da presidente. Esse acórdão significa uma alteração. Até o dia 5 de abril, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) entendia que as medidas fiscais que a presidente tomava eram legais e depois viraram ilegais, sem dar espaço de tempo para que ela pudesse se adequar. “Algo que era correto anteriormente hoje é tido como ilegal. Não é um julgamento moral, nem de oportunidade, é jurídico. Não há fundamento jurídico legal. O que aconteceu foi um transpassamento dos limites jurídicos trazendo para o contexto atual uma deliberação que é pela continuidade ou não do governo Dilma. Isso não é um julgamento jurídico, é um julgamento das urnas”, declara Moraes.

O pedido que gerou o processo na Câmara dos Deputados, feito pelos advogados Hélio Pereira Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaina Conceição Paschoal, interpreta as “pedaladas fiscais” como crime de responsabilidade.

Já o pedido feito pela Organização dos Advogados Brasileiros (OAB), no dia 28 de março, incluía as renúncias fiscais em favor da Federação Internacional de Futebol (Fifa) que foram feitas em contrariedade à Lei de Responsabilidade Fiscal e a intenção de beneficiar um aliado político atribuindo-lhe as prerrogativas de ministro. Porém, tanto a Lei Geral da Copa quanto a Lei de Diretrizes Orçamentárias foram canceladas por Lei.

“Algo que era correto anteriormente hoje é tido como ilegal”



Wilson Dias/ Agência Brasil

Comissão Especial do *Impeachment* aprova processo de afastamento de Dilma

Posteriormente, o TCU rejeitou as contas, o que não foi apreciado pelo Legislativo e não configura necessariamente crime de responsabilidade. Outra questão é que a Dilma não pode responder por mandato vencido: crimes de responsabilidade no mandato responde-se durante sua vigência. Por fim, a indicação de aliados políticos a ministérios pode ser questionada politicamente, mas não configura crime. Essas denúncias não foram acatadas por não se sustentarem.

As “pedaladas fiscais”, acusação do processo que corre atualmente, são manobras do Tesouro Nacional que atrasam de forma proposital o repasse de dinheiro para bancos com objetivo de cobrir benefícios sociais e previdenciários como o Bolsa Família, abonos salariais e o seguro-desemprego. O Congresso Nacional aprovou as contas da União, nos exercícios referentes a 2014 e 2015, mesmo com déficit, pedaladas e despesas adicionais. A prática é comum entre outros governantes, inclusive em outros países.

O procurador Geral do Estado de Santa Catarina, João dos Pas-

sos, explica que a abertura semântica do Direito, da Constituição, possibilita diversas interpretações. Por isso, para alguns juristas, a manobra pode ser considerada crime, enquanto para outros, não. “Não existe jurisprudência no Brasil que defina se pedaladas fiscais são ou não crime”, menciona. Por isso a discussão sobre a legalidade do processo.

Em contraponto à OAB, que diz fundamentar seu posicionamento com base em uma análise dos fatos e das leis por decisão técnico-jurídica, a Associação Juizes pela Democracia não considera “pedaladas fiscais” um crime de responsabilidade. O presidente da Associação, André Augusto Bezerra, declarou que o processo foi feito sob desvio de finalidade e não como um instrumento que visa preservar a moralidade e a legalidade da administração política. “Mesmo medidas políticas, em um Estado de Direito, requerem respeito ao ordenamento jurídico em vigor”, alega.

Malena Wilbert
malenawilbert@gmail.com
Willian Rotta
rottawillian@gmail.com



Rubens Lopes/ Zero

Crônicas de uma crise anunciada

Desde o início da Lava-Jato até o processo do impeachment, reviravoltas marcaram política nacional

MARÇO 2014

- Operação Lava-Jato é deflagrada pela Polícia Federal com a prisão do doleiro Carlos Habib Chater.
- Doleiro **Alberto Youssef** faz delação premiada, peça chave dos desdobramentos da operação. Ex-diretor da Petrobras Paulo Roberto da Costa é preso.

JANEIRO 2015

- Presidente Dilma Rousseff inicia segundo mandato após eleições mais acirradas da história do Brasil.
- Nestor Cerveró, diretor da área Internacional da Petrobras, é preso.

ABRIL 2015

- João Vaccari Neto, tesoureiro do PT, é preso.
- Tribunal de Contas da União (TCU) finaliza investigações sobre pedaladas fiscais de 2013 e 2014. Oposição organiza mobilização pelo *impeachment* devido às pedaladas e ao possível crime de responsabilidade cometido pela presidente.

JUNHO 2015

- Presidentes das construtoras Andrade Gutierrez, Otávio Azevedo, e Odebrecht, Marcelo Odebrecht são presos preventivamente. Outras oito pessoas, entre executivos da Odebrecht e funcionários da Petrobras, são condenados.



Foto: Valter Campanato/Agência Brasil



Foto: Senador/Divulgação

JULHO 2015

- Jorge Zelada, diretor internacional da Petrobras, sucessor de Cerveró, é preso.
- Representantes do Poder Executivo com foro privilegiado são investigados.
- O presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB), rompe com o governo.

DEZEMBRO 2015

- Eduardo Cunha torna-se réu da Lava-Jato no Supremo Tribunal Federal (STF). Os ministros Celso Pansera e Henrique Eduardo Alves e o senador Renan Calheiros, todos do PMDB, são investigados.
- Eduardo Cunha autoriza abertura do processo de *impeachment* formulado pelos juristas Hélio Bicudo (um dos fundadores do PT) e Miguel Reale Júnior.
- Governo Federal quita dívidas das pedaladas fiscais que serviram de base argumentativa para o processo de *impeachment*.

NOVEMBRO 2015

- Senador **Delcídio do Amaral** é preso por armar a fuga de Cerveró para evitar delação do mesmo. O parlamentar participou da delação premiada.

SETEMBRO 2015

- Eduardo Cunha recebe da oposição o pedido de *impeachment* da presidente.

AGOSTO 2015

- **José Dirceu**, ministro da Casa Civil durante primeiro mandato de Lula, é preso preventivamente.



Foto: Sylvio Strangé/TRF4



Foto: Wilson Dias/Agência Brasil

FEVEREIRO 2016

- 23ª fase da Operação Lava-Jato: são apreendidos em um imóvel de Benedicto Barbosa Junior, presidente da Odebrecht Infraestrutura, uma série de documentos e planilhas que revelam repasse de pagamentos da Odebrecht para mais de 200 políticos brasileiros.

MARÇO 2016

- Na 24ª fase da Operação Lava Jato, a PF investiga se foram efetuados lavagem de dinheiro e pagamentos indevidos ao ex-presidente Lula através de reformas em imóveis, aquisição de mobiliário, doações e palestras.

- O Juiz Federal Sérgio **Moro** autoriza condução coercitiva de Lula. A 24ª fase da Lava Jato foi deflagrada com base em investigações sobre a compra e reforma de um sítio em Atibaia (SP) frequentado por Lula e a relação dele com um triplex no Guarujá reformado pela OAS.

- Lista dos 200 da Odebrecht, que estava sob sigilo determinado por Moro, é encaminhada para o STF. A lista contém nomes como dos senadores Aécio Neves (PSDB-MG), José Serra (PSDB-SP), Renan Calheiros (PMDB-AL) e Lindbergh Farias (PT-RJ). O presidente da Câmara, Eduardo Cunha, também aparece nas planilhas, bem como José Sarney, do PMDB. No documento, são mencionados ex-deputados, ex-prefeitos, nove governadores e 48 prefeitos. Raimundo Colombo e outros políticos catarinenses também são citados.



Foto: Igo Estrela/PMDB Nacional

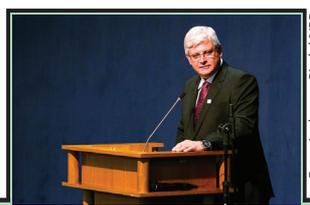


Foto: Anderson Riedel/VPR

- **29/03/2016:** Em menos de quatro minutos de reunião, o PMDB, partido com mais representantes no Congresso Nacional, oficializa a retirada de seu apoio ao Governo Federal. Seis ministros do PMDB e os filiados que ocupam outros postos no Executivo Federal entregaram seus cargos. O vice-presidente do PMDB, senador Romero Jucá (PMDB-RR) declarou: "A partir de hoje, nessa reunião histórica para o PMDB, o partido se retira da base do governo da presidente Dilma Rousseff e ninguém no país está autorizado a exercer qualquer cargo federal em nome do PMDB".

- **28/03/2016:** O procurador-geral da República, Rodrigo Janot, envia manifesto favorável à nomeação de Lula para o cargo de ministro de Estado Chefe da Casa Civil. No documento enviado ao Supremo Tribunal Federal (STF), Janot recomenda que as investigações criminais e possíveis processos penais contra o ex-presidente sejam mantidos no primeiro grau de jurisdição, ou seja, que Lula não tenha foro privilegiado. Apesar disso, o procurador afirmou que Lula poderia assumir o cargo de ministro.



Foto: Luís Macedo/Câmara dos Deputados

- **30/03/2016:** Eduardo Cunha aprova, na Mesa Diretora, um projeto de resolução que altera a composição das comissões, inclusive a de Conselho de Ética que julga seu afastamento do cargo e a Comissão do Impeachment tirando do conselho três deputados que votariam a favor de sua cassação. O Plenário precisa aprovar a alteração.

ABRIL 2016

- **05/04/2016:** Ministro do STF Marco Aurélio Mello determina que a Câmara dos Deputados aceite pedido de *impeachment* do vice-presidente Michel Temer e instaure uma comissão especial para dar parecer sobre a acusação.

- **11/04/2016:** parecer favorável à abertura do processo de afastamento da presidente Dilma Rousseff é aprovado por 38 votos a 27 na Comissão Especial do Impeachment. A próxima votação será realizada no Plenário da Câmara. Caso seja aprovado, o parecer segue para o Senado.

Gisele Flôres
giselefloressilva@gmail.com
Livia Rezende
livia.lr8@gmail.com

Mercado especula o futuro

Especialista comenta relação entre previsões dos investidores e a inflação

Há quem diga que a crise política é consequência do cenário econômico no Brasil dos últimos anos. Para entender o papel da economia na crise e como ela é afetada pelas especulações sobre o que está acontecendo no Planalto Central, o Zero conversou com a professora Patrícia Fonseca Ferreira Arienti, especialista em desenvolvimento econômico e professora no Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

ZERO: O que levou ao país à crise econômica?

Patrícia Arienti: A resposta não é simples. O governo está com déficit em suas contas, o superávit primário não tem sido obtido, o ajuste fiscal não foi feito dentro do que se esperava, e as agências de risco rebaixaram o grau de investimento no país, o que leva o crédito externo a ficar mais caro para as empresas privadas no nosso país. As expectativas negativas têm um papel muito importante. A mídia, os formadores de opinião, os economistas e empresários projetam e acabam criando um cenário futuro onde a inflação é maior que a meta. Mesmo que seja consequência de especulação, essa inflação maior tende a acontecer no próximo mês. Se o empresário acredita, acaba aumentando os preços, o que acaba deixando tudo mais caro.

Z: Nas últimas semanas acompanhamos mudanças repentinas na variação do dólar, as quais, na maioria das

vezes, coincidiam com sobressaltos no cenário político. Até onde vai a especulação da moeda americana?

P.A: Há vários componentes para as variações do dólar. O mais expressivo de todos é a expectativa dos investidores internacionais quanto ao futuro da economia do país. No cenário econômico, há dois movimentos: o primeiro e mais forte, vislumbra um horizonte negativo com o governo, e deseja o *impeachment* da Dilma; o segundo movimento percebe que atravessamos um período transitório de crise econômica, contudo admite que há ganhos sociais muito grandes. Os investidores buscam estabilidade, mas acredito que não a encontrarão a curto prazo. O Brasil está polarizado. A conjuntura é diferente do que aconteceu com Collor. Se houver um *impeachment*, o vice assume mas acredito que o país não volte à normalidade. O Partido dos Trabalhadores (PT) tem base e identificação popular, as manifestações de rua a favor do governo estão longe de serem só de membros do PT, como a mídia quer transparecer.

Z: Quem ganha com a saída da Dilma?

P.A: Pode haver uma expectativa positiva do mercado com a mudança do governo, isso vai resultar em uma consequente atração de capitais e aumento do grau de investimento do país.

Z: Vivemos um golpe midiático?

P.A: A mídia e o mercado costumam convergir interesses. Na era Lula, enquanto o dinheiro entrava em caixa, não assistíamos tantos movimentos contrários ao PT e ao ex-presidente. Sou radicalmente contra o *impeachment*. O papel da mídia neste momento deveria ser o de criar um clima favorável para que o país retome o crescimento, o de esperar o fim do governo Dilma e aguardar as próximas eleições. Precisamos urgentemente que medidas econômicas sejam aprovadas, o Congresso precisa



Foto: Manuel Vitart

Economista não acredita num Brasil estabilizado a curto prazo

“O Brasil está polarizado, a conjuntura é diferente do que aconteceu com Collor”

retomar seus trabalhos para a economia não ficar estagnada.

Z: A revista semanal *The Economist* publicou nos últimos dois meses duas capas com a presidente Dilma cujas manchetes eram: “*The fall*” (A queda) e “*Time to Go*” (Hora de Ir). Qual o efeito destas manchetes para os investidores?

P.A: Uma das grandes preocupações do investidor é a segurança. O superávit primário é a garantia dessa segurança. A medida em que ele foi diminuindo e se tornou deficitário, essa confiança acabou. Se neste momento o Aécio fosse o presidente, certamente o mercado estaria reagindo mal a ele, agora não sei até que ponto o rechaço seria igual ao da Dilma.

Z: A lista da Odebrecht de empresários e políticos no esquema de propinas e doação ilícita a campanhas mostra alguma característica de estreita vinculação e dependência econômica de grandes empresas nacionais ao Estado?

P.A: Nossa industrialização foi tardia. A figura do empresário brasileiro foi criada com a industrialização de Getúlio Vargas, ou seja, atrelado ao Estado. O grande empresário nacional até hoje é dependente de subsídios, pacotes, incentivos fiscais e tributários

do governo. Um perfil diferente de grandes empresários europeus, ou mesmo americanos que, em determinados momentos da história, tiveram um papel fundamental para ajudar seus países a superar crises.

Z: Qual tem sido o papel do ministro Nelson Barbosa no momento?

P.A: O ministro está limitado. Algumas decisões econômicas precisam passar pelo Congresso. O desejo de *impeachment* no Congresso faz com que algumas dessas medidas não sejam aprovadas. Mas, eu vejo que o Barbosa tenta e está disposto a fazer o ajuste fiscal. As manifestações dele são sempre muito ponderadas, mas ele está preso, não tem poder de fogo. Ele é um pássaro na gaiola, promete que vai fazer, mas está preso pelo Congresso. ☹

Manuel Vitart
manuefvitart@gmail.com

Glossário econômico

- Superávit primário: o resultado positivo das receitas e despesas do governo, excluindo gastos com pagamento de juros. Quando esse resultado é negativo, ocorre o déficit primário. Segundo o Banco Central, esse resultado é uma forma de indicar a capacidade do governo em honrar seus compromissos.

- Ajuste fiscal: conjunto de medidas que buscam equilibrar as contas de um governo. Na prática, é possível comparar uma política de ajuste fiscal com o controle de gastos que ocorre dentro de uma casa, para evitar uma crise financeira familiar.

Ciclo da violência doméstica: o que p

Por semana, são expedidas cerca de dez medidas protetivas em Florianópolis

Então, quantos Maria da Penha eu tenho aí hoje?” - questiona por telefone a agente penitenciária D.S* mesmo já tendo checado o último relatório de lotação da Casa do Albergado. “Sempre altera. O fluxo no presídio é muito grande. Todo dia tem entrada e saí-

da de preso”.

É ali, em um anexo à Penitenciária de Florianópolis, que réus da Lei Maria da Penha cumprem prisão preventiva junto aos presos por crimes de trânsito e pensão alimentícia. O local funciona como sala de espera em casos nos quais o juiz determina que o acusado aguarde o resultado do julgamento em regime fechado.

Dos 40 beliches dispostos no alojamento da Casa do Albergado, 37 são ocupados por homens envolvidos em casos de violência doméstica contra mulher. Há um ano, o assassino de Marisa** ocupa uma dessas

camas. Em entrevista às repórteres do Zero, Jonas**, 41, relatou a noite em que esfaqueou a namorada. “Eu estava na cozinha cortando carne pra fazer a janta. Foi quando começou a discussão. Eu queria ir embora de Floripa e ela não queria deixar. Então fui até o quarto onde ela estava e a atingi duas vezes com a faca no peito”. Ele afirma que o relacionamento com a namorada de 32 anos era tranquilo, mas os vizinhos dizem o contrário. Contam que Marisa sofria agressões dentro de casa e que já considerava registrar boletim de ocorrência. “Via tudo pela minha janela”, desabafou um deles.

Casos como esse ilustram o quadro preocupante da violência doméstica no Brasil. Dados divulgados pelo “Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres” indicam que, dos 4.762 homicídios de mulheres registrados em 2013, 50,3% foram cometidos por familiares, sendo que a maioria desses crimes (33,2%) tem parceiros ou ex-parceiros como autores. Só nos dez primeiros meses do ano passado, foram registradas 63.090 denúncias - o que corresponde a uma ocorrência a cada sete minutos sendo relatada no país. Na maioria dos casos, a consequência disso é gerada a longo prazo pelos chamados “relacionamentos abusivos” - relações carregadas de violência psicológica e geralmente marcadas por excesso de poder sobre o outro.

O psicólogo Ricardo Luiz de Bom Maria, do Juizado de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher em Florianópolis, observa que é necessário entender as circunstâncias e analisar não só o campo legal, mas o “campo de vida”. “Existe uma dinâmica de relacionamento abusivo. Qualquer relação tem sempre duas pessoas envolvidas, no mínimo. Assim como tem um homem que abusa, tem uma mulher que permite. Claro que tem que ter muito cuidado quando eu digo isso para que não entendam que a culpa do abuso é da mulher. De jeito nenhum. Mas quando a gente olha a estrutura e a dinâmica da relação, isso é um fato”.

Já no primeiro comportamento agressivo, Vitória colocou seu companheiro para fora de casa. Ela relata que no início “ele era um amor”, mas que de repente começou a mudar. “Ele tinha ciúme, era totalmente possessivo. Não me deixava andar sozinha na rua. Ir ao mercado, só se ele fosse comigo. Quebrou meu celular, tirou meu *WhatsApp* e meu *Facebook*. Tirou tudo. Eu falei que não, não quero isso para mim. E ele insistia ‘tu é minha’”.

Inconformado com o término da relação, o companheiro destruiu boa parte da casa dela. “Eu me tranquei no quarto para ele não vir para cima de mim. Mas não teve jeito. Ele foi e quebrou minha porta e minha cômoda.” A mãe de Vitória foi quem orientou a filha a registrar o boletim de ocorrência.

Depois do episódio, mudou-se para a casa da mãe, onde dorme no chão com seus dois filhos, por medo do ex companheiro voltar. Pedro, de 31 anos, foi preso por invasão, mas deixou o recado: “Falou que ia botar fogo na minha casa e cortar meu cabelo se eu ficasse com outra pessoa.” A entrevista foi dada em frente à Delegacia da Mulher enquanto Vitória abria novo pedido de medida protetiva, já que, segundo ela, a Justiça não aprovou a primeira solicitação porque o agressor já estava preso.

A complexa dinâmica desses relacionamentos é refletida em cenas cotidianas vistas em frente à Casa do Albergado: vítimas carregando sacolas de comida e produtos de higiene para os seus agressores, ainda que a regra proíba a visita delas no local. “Um dia chegou uma

“Denunciem, não tenham medo. Não passem pelo o que eu passei algumas noites tendo o meu filho ‘mãe, o bicho tá hoje?’, diz Vitória, vítima

aqui com os olhos inchados, uma tipoia no braço e várias sacolas. Dizia que o homem era de longe e não tinha parentes, só ela. Algumas querem voltar atrás, às vezes por medo, às vezes por dependência financeira e emocional”. O relato é do agente penitenciário V.P* ao lembrar do que viu em seus 25 anos como funcionário do Sistema Prisional de Florianópolis. A parceira de trabalho D.S, conta que, certa vez, recebeu uma vítima que tentava acesso à Casa portando identidade de outra pessoa. “Ela engoliu o documento que eu pedi para ela assinar comprovando que esteve aqui e depois se mandou”.

Violência Cíclica

A história de Vitória poderia ser mais um caso do chamado “Ciclo de Violência Doméstica”, se ela não tivesse rompido o padrão ao expulsar o agressor de casa. O psicólogo Ricardo explica que o ciclo obedece algumas etapas. Inicia com o aumento da tensão no relaciona-

mento. Depois, o agressor leva a vítima a se afastar de casa, geralmente por medo de sofrer consequências. A vítima tenta voltar, mas o agressor não aceita e começa a usar a violência física. Cada episódio termina com a vítima se afastando de casa. “É normal que a vítima tenha medo de voltar para casa”, afirma o psicólogo. “A vítima muitas vezes não consegue romper o ciclo porque o agressor continua a usar a violência física e psicológica. A vítima muitas vezes não consegue registrar o boletim de ocorrência porque o agressor ameaça a vida dela ou a vida dos filhos. A vítima muitas vezes não consegue registrar o boletim de ocorrência porque o agressor ameaça a vida dela ou a vida dos filhos. A vítima muitas vezes não consegue registrar o boletim de ocorrência porque o agressor ameaça a vida dela ou a vida dos filhos.”



Gabriel Neves/Zero



...ensa o agressor e intimida as vítimas

...o que, possivelmente, a um ataque violento de não física ou psicológica a vítima. Na sequência, o agressor pede perdão, a vítima aceita e eles vivem em uma espécie de "lua de mel". Mas, alguns dias depois, o ciclo se repete. E, infelizmente, para muitas mulheres, existe pelo menos um episódio do tipo: "Se eu voltar para casa?".

...muito difícil para a sociedade compreender o que faz com que uma pessoa adulta continue em uma relação desse tipo", observa o psicólogo. Ele explica que as características comuns às vítimas incluem a dependência, a carência, a falta de opção ao abandono ou a falta de projeto de vida que encontre uma estrutura familiar. "Eu trabalhei aqui com mulheres que não tinham onde

...am medo. ...e eu passo ...que ouvir ...andido vem ...ma de abuso

...mortas e romperam o vínculo com os filhos juntos. Querem sair de uma situação abusiva tem que vencer as questões da vida dela." Muitas vencem - pelo menos em parte. Só na 6ª Delegacia de Proteção à Mulher de Florianópolis, são registrados cerca de 20 boletins de ocorrência por dia denunciando crimes relacionados à Lei Maria da Penha. "O que muitas vezes acontece é que a mulher vem buscar o B.O. mas não autoriza a polícia a fazer nenhum procedimento. E isso gera um problema porque aí ela volta para casa e talvez a violência ganhe mais intensidade. Então quando ela efetivamente nos autoriza a fazer alguma coisa, a gente faz o que é uma medida protetiva", diz o delegado da 6ª DP, Ricardo Tomé.

...semana, são expedidas cerca de dez medidas protetivas em Florianópolis. Número que cresce em épocas de festa, no final de ano, quando o consumo de álcool e drogas aumenta. Segundo a

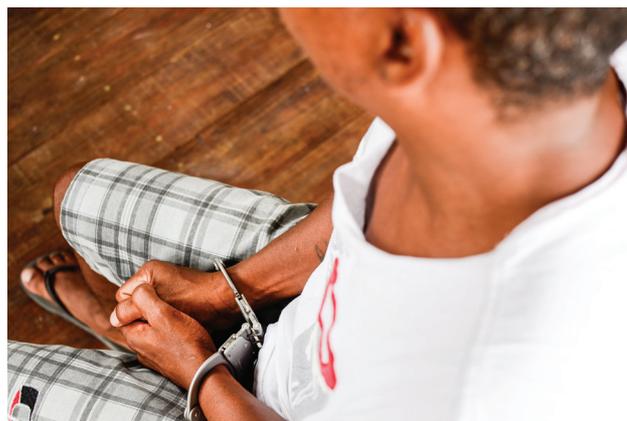
Delegacia, apenas 3% dos homens em medida protetiva descumprem a Lei. E os que dizem cumprir, reclamam: "Tem mulher que bota o cara aqui na cadeia e tem medida protetiva. Mas quando a gente consegue sair daqui, ela mesma liga pro cara aparecer", relata Luciano*, albergado há um ano e três meses na Casa, acusado de cometer crime cibernético por ameaçar a companheira no Facebook. Perguntado sobre o que, de fato havia feito, ele afirma: "como diz a Lei, o que eu fiz é segredo de Justiça".

Indignados com a Lei, mas agraciados pelo Sistema Prisional da Capital. Apelada pelos próprios presos de "Majestic do Sistema Penitenciário" - pela boa estrutura que oferece, a Casa do Albergado é (ou deveria ser) uma das garantias proporcionadas pela Lei Maria da Penha de que, durante o processo, a mulher não terá sua segurança física ameaçada. Pensada para mulheres, a Lei se aplica a qualquer vítima que se considere do gênero feminino - incluindo crianças, adolescentes, transsexuais e idosos - agredida no âmbito de relações familiares ou domésticas. Em casos específicos de menores com gêneros diferentes, porém do mesmo convívio familiar e que estejam envolvidos na mesma situação de violência, o juiz avalia e pode definir que a Lei enquadre a vítima de gênero masculino também.

Completando dez anos em agosto de 2016, a Lei Maria da Penha é um instrumento judicial que auxilia a mulher no processo de luta contra a violência vinda do lugar menos esperado: sua própria casa. A denúncia é o passo mais importante e a primeira etapa legal para fechar o ciclo de violência numa relação abusiva, como Vitória fez. "Agressão física tu passa um remedinho e depois sara. Mas tem muita coisa além das palavras que magoam muito mais". Perguntada sobre um conselho que daria a outras mulheres, ela desabafa: "Denunciem, não tenham medo. Não passem pelo o que eu passo algumas noites tendo que ouvir do meu filho: 'Mãe, o bandido vem hoje?'".

**Iniciais dos agentes penitenciários*

***Nome fictício para preservar a identidade das fontes*



.....
Ana Carolina Vaz
anacvazz@gmail.com
Taynara Nakayama
taynara.nakayama.s@gmail.com



Centro de Desportos da UFSC passou por reforma e foi adaptado às exigências do Comitê Olímpico para receber atletas que irão se aclimatar para os jogos Rio 2016

ESPORTES

UFSC recebe seleção olímpica de atletismo da Estônia para treinos

A nova pista da universidade será o centro de treinamento da delegação estoniana a partir de julho

Os Jogos Olímpicos deste ano serão no Rio de Janeiro entre os dias 5 e 21 de agosto. Mas a preparação para a competição começa muito antes. Além das obras e reformas de infraestrutura, os treinamentos das delegações iniciam semanas antes em diversas cidades do Brasil. Em Florianópolis, um dos principais centros de treinamento está na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A pista de atletismo da UFSC, que foi reformada entre abril de 2014 e março de 2015, será o local de preparação da seleção da Estônia.

Os centros de treinamento foram cadastrados e avaliados pelo Comitê Organizador. Cada uma das 206 delegações que participará das Olimpíadas deve escolher um espaço de treinamento para aclimação. A Estônia conheceu a UFSC através de uma viagem do embaixador do seu país no Brasil, Mart Tarmak, que entrou em contato com o Centro de Desportos Sociais (CDS) e negociou o período de treinos. Oito atletas e uma comissão técnica vão se preparar usando a pista de 27 de julho a 10 de agosto.

Um dos destaques da equipe estoniana é Gerd Kanter, atleta de lançamento de disco. Campeão olímpico em 2008 e bronze em 2012, ele é um dos

grandes candidatos ao pódio em 2016. Nascido em Tallin, capital da Estônia, o atleta começou a lançar discos com 17 anos, teve sua revelação no campeonato mundial de atletismo em 2005, onde conquistou a medalha de prata. Kanter possui quatro dos dez melhores arremessos da história dos campeonatos mundiais de atletismo. Seu melhor lançamento foi de 73,38m, e fica atrás apenas de dois nomes, Virgilijus Alekna (Lituânia, 2000) que alcançou 73,88m e Jürgen Schult (Alemanha oriental, 1986) que tem a melhor marcar com 74,08m.

“É quarta vez que participamos nos Jogos Olímpicos. Depois do ouro em Pequim e bronze em Londres, as expectativas são de medalha”, relata o treinador Indrek Tustit. Com 36 anos, o atleta está se preparando para as Olimpíadas como para qualquer outro campeonato que participa, com algumas adaptações visto que ele não é o mesmo atleta de oito anos atrás. Apesar disso, o foco é o mesmo e a meta é ser o melhor. “Nas últimas duas semanas de treinamento antes dos jogos só precisamos nos acalmar, achar um lugar pequeno, sem muito barulho em torno de nós, para ficar o mais focado possível”, afirmou o técnico.

Legado das Olimpíadas

Para receber esses atletas, a pista de atletismo da UFSC passou por uma transformação. O piso de carvão foi trocado por um piso sintético que permite provas de corrida; saltos em altura, distância e triplo; arremesso de peso e lançamentos de dardo, martelo e disco. A pista tem 400 metros de extensão e oito raias. A obra custou R\$ 7,8 milhões e foi fi-

nanciada pelo Ministério do Esporte. “Só foi possível transformar a pista de carvão em pista sintética por conta do projeto para as Olimpíadas”, afirma Edison Roberto de Souza, diretor do CDS. O campo de futebol no centro da pista também foi reformado.

Além de servir como centro de treinamento para as Olimpíadas, a pista é o local de diversos projetos destinados à comunidade acadêmica e em geral, e serve para o ensino dos alunos de graduação em Educação Física. O CDS oferece projetos para crianças e adultos de todas as idades. São programas de iniciação ao futebol de campo e atletismo.

O professor Juliano Dal Pupo coordena o projeto de atletismo que trabalha com alunos de graduação, pós graduação e pessoas da comunidade interessadas em participar. “As instalações foram preparadas para atender todo mundo, desde atletas de alto nível até a comunidade. Isso facilita a prática de atividade física e é um incentivo para a saúde”, afirma. As aulas trabalham todas as modalidades, desde a base técnica até o aprimoramento.

Os projetos intenciam mais do que estimular o esporte. Pretendem montar uma equipe que possa participar de competições universitárias. Outras federações de atletismo também usam a pista para treinamento como a União Catarinense de Atletismo, a Associação Cultural Nova Acrópole, UDESC, Clube Universitário e a Atlética de Medicina da UFSC. A parte da pista restaurada com o piso sintético fica aberta somente quando há aulas e projetos. Do lado de fora foi construída uma pista de carvão que não fecha.☺



Crianças e adolescentes de projeto social poderão trocar experiências com ginastas competidoras olímpicas durante a aclimatação para os jogos do Rio de Janeiro

Bulgária e Finlândia escolhem Florianópolis

Outros dois lugares em Florianópolis servirão de centro de treinamento para as Olimpíadas deste ano. O ginásio do Instituto Estadual de Educação (IEE) receberá as seleções de ginástica rítmica da Finlândia e da Bulgária. A delegação finlandesa virá com uma atleta e a técnica e a Bulgária trará 18 atletas mais a comissão técnica. O ginásio não precisou passar por reformas, pois recebeu novos equipamentos olímpicos ano passado e se tornou um Centro Regional de Ginástica Rítmica. O lugar serve de treinamento para a equipe Adiee/UDESC, projeto realizado pelo IEE, a Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e a Fundação Municipal de Esportes.

O objetivo do projeto é a iniciação no esporte e a formação de novos talentos. Participam crianças e adolescentes de idades entre seis e 17 anos, de diversas escolas da cidade. O programa formou diversas medalhistas, que fazem parte da seleção brasileira e disputam competições internacionais.

Segundo a coordenadora do Centro Regional, Maria Helena Karaeski, durante o período de treinamento das seleções, haverá uma interação das atletas profissionais com as alunas. “O contato com a seleção búlgara é bastante importante e haverá

uma troca de conhecimento. Nossas atletas treinam junto à equipe que é uma das favoritas para as Olimpíadas”. Para as atletas do IEE essa é uma oportunidade de aprendizado e experiência, além de um incentivo para continuar treinando, em busca da Seleção Brasileira.

A ex-ginasta Luísa Harumi Matsuo começou a praticar em um projeto social da UDESC aos oito anos e foi chamada para treinar no IEE. Após anos de dedicação foi convocada para a Seleção Brasileira de Ginástica Rítmica. Participou de diversas competições internacionais, ganhou seis medalhas de ouro nos Jogos Pan Americanos de 2007 e 2011 e competiu nas Olimpíadas em 2008. Hoje busca passar sua experiência às atletas que fazem parte do Centro Regional de Ginástica Rítmica. “Antes de eu ingressar na Seleção [brasileira], esse contato com outras seleções era difícil. Nos últimos anos a gente vê que isso mudou, as possibilidades aumentaram e essa experiência com a seleção búlgara é essencial para essas meninas que têm o sonho de treinar na seleção brasileira”, afirma Luísa.

Em agosto de 2015, o Centro recebeu equipamentos através de um projeto do Ministério do Esporte

em parceria com a Confederação Brasileira de Ginástica. Os materiais aumentaram o espaço do local e permitiram a inclusão de novas integrantes. “A infraestrutura tem dois tabladados, peça que é essencial para a prática, ele absorve o impacto e diminui o risco de lesões. Essa estrutura chama as pessoas para treinar e são poucos locais no Brasil que receberam esse apoio”, comenta Luísa.

Natação da Alemanha treinará em Palhoça

O Complexo Aquático da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), na Grande Florianópolis receberá a seleção de natação da Alemanha. A delegação visitou o local em janeiro deste ano e o escolheu por ser um centro de treinamento distante de grandes aglomerações e da imprensa. “Para nós foi um grande aprendizado e a presença deles aqui antes das Olimpíadas é uma oportunidade para troca de experiências”, afirmou a supervisora do Complexo Aquático Manuela Vieira. A equipe fez duas exigências: uso das piscinas de forma exclusiva e marcar os treinos a partir das 21h, mesmo horário das competições em agosto. ☺

Locais de aclimatação em Florianópolis

Avai Futebol Clube

O Avai oferece o complexo do estádio Aderbal Ramos da Silva, a Ressacada. São três campos de futebol oficiais e espaço para condicionamento físico, musculação, primeiros socorros, fisioterapia e massagem. Ainda sem delegações a receber.

Sociedade Hípica Catarinense

O espaço da Sociedade Hípica oferece estrutura para hipismo, salas para primeiros socorros e tratamento médico. Ainda sem delegações a receber.

Centro de Ciências e Saúde e do Esporte UDESC

A UDESC tem estruturas para ginástica artística e rítmica, voleibol e voleibol sentado, salas para condicionamento físico, musculação, primeiros socorros, tratamento médico, fisioterapia e massagem. Ainda sem delegações a receber.

Complexo Aquático da Unisul

A Unisul conta com piscina de 50m e tanque para saltos ornamentais, salas para condicionamento físico e musculação, fisioterapia e massagem e área de descanso. Por enquanto a delegação que vai treinar nesse espaço é a Alemanha.

Costão do Santinho Resort Golf e Spa

O Costão do Santinho possui oito quadras de saibro para treinamento de tênis e campo de golfe. O resort oferece acomodação, salas de condicionamento físico e musculação, primeiros socorros, fisioterapia e massagem. Ainda sem delegações a receber.

Clube Náutico Francisco Martinelli

O clube tem acesso exclusivo ao mar pelas baías norte e sul, tanque simulador de remo indoor e remo ergômetro, salas de condicionamento físico e musculação, fisioterapia, massagem e primeiros socorros. Ainda sem delegações a receber.

Estádio Orlando Escarpelli

O estádio do Figueirense, time da capital, oferece estrutura para treinamento de futebol, primeiros socorros, tratamento médico, fisioterapia e massagem. Ainda sem delegações a receber.

Pista de Atletismo da UFSC

A Universidade Federal de Santa Catarina reformou a pista de atletismo da universidade que oferece espaços para corrida, saltos em altura, distância e triplo, arremesso de peso e lançamentos de dardo, martelo e disco. A delegação estoniana fará seus treinos na pista

Gabriela Bankhardt
gabrielabankhardt@gmail.com
Roberta Bucheler
robertabucheler@gmail.com

Jornalistas palestinas discorrem sobre mídia em zonas de conflito

Em entrevista ao Zero, profissionais falam sobre ativismo, censura e feminismo

Linah Alsaaf é mestre em Política do Oriente Médio pela School Of Oriental and African Studies (SOAS), em Londres. Rita Abu Ghosh é mestranda na mesma instituição, no programa de Política Internacional. Antes de se encontrarem no Reino Unido, já tinham uma ligação: as duas jornalistas são palestinas, e suas histórias pessoais e familiares foram influenciadas pelo conflito de seu povo com Israel.

Após a primavera árabe, Rita participou de movimentos de jovens apolíticos em busca de mudanças na atuação da Autoridade Nacional Palestina (ANP) e das forças israelitas. Com o tempo, passou a se dedicar mais ao jornalismo, com a produção de reportagens investigativas publicadas por meios de comunicação regionais em árabe.

Na mesma época, Linah escrevia um blog sobre a situação da Palestina, com textos a respeito de ativismo e movimentos da juventude. A jornalista ganhou destaque em 2012 quando publicou histórias sobre cinco prisioneiros em greve de fome na mídia internacional. Hoje, Linah escreve para o Middle East Eye.

As jornalistas chegaram ao Brasil no final de março para uma viagem por vários estados. Rita e Linah ministraram uma aula aberta na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no dia 7 de abril. Antes da aula, visitaram a redação do Zero e concederam entrevista sobre o jornalismo na Palestina.

ZERO: Em uma região de conflito como a Palestina, por que vocês escolheram ser jornalistas?

Rita Abu Ghosh: Eu queria que as pessoas soubessem sobre o conflito, porque a mídia israelita é muito dominante. Eu queria mandar uma mensagem para o mundo sobre o que está acontecendo de uma perspectiva palestina. Também, quando eu crescia e assistia na televisão os jornalistas trabalhando intensamente, cobrindo tudo e ficando famosos. Eu queria ser como eles.

Linah Alsaafin: Meu pai é jornalista e quando eu era criança ele sempre viajava para outros países. Eu pensava que aquela seria uma vida excitante. Eu não planejei ser jornalista, só queria uma vida em que pudesse viajar por aí. Eu comecei a produzir um blog na universidade. Eu continuei escrevendo e mais pessoas prestavam atenção. Eu gostava, era bom finalmente encontrar a própria voz e dar voz para pessoas que a mídia não cobriria, pessoas que vivem em regiões remotas, por exemplo.

Z: Há uma variedade de meios de comunicação na região? Eles possuem liberdade de expressão?

R.G: As plataformas de mídia mais dominantes não são objetivas, elas possuem uma visão crítica por detrás delas. Em relação à liberdade de expressão, existem muitas restrições por causa das intervenções de Israel e da Autoridade Nacional Palestina (ANP). Então você não tem muita liberdade, mas pode encontrar maneiras de escrever o que quiser, se conhecer os obstáculos.

L.A: Às vezes, você precisa usar um nome falso para escrever o que quer, porque as autoridades, tanto israelenses quanto palestinas, vão caçar e reprimir você. É bastante difícil ser uma voz dissidente porque você pode ir preso por ambas as autoridades.

Assim que você começa a falar contra a agenda política disponibilizada pela grande mídia, você atrai atenção do governo.

Z: Sendo mulher, há outros problemas que vocês enfrentam?

L.A: Nós enfrentamos muito sexismo, mas eu tenho que destacar que não é algo único da nossa cultura ou da nossa sociedade. É universal. Por exemplo, há um problema com a imagem. Basicamente, se você quer ser uma apresentadora de televisão, a maioria das estações não quer uma mulher que cubra a cabeça ou use roupas religiosas. Eles preferem um rosto bonito do que uma mulher muito mais qualificada que se cubra da cabeça aos pés. É o motivo da qualidade de apresentação um advogado advogadode TV ter caído. Porque você só tem rostos bonitos, que sorriem e leem textos do teleprompter. Não há conteúdo.

“Enfrentamos muito sexismo, mas tenho que destacar que não é algo único da nossa cultura ou da nossa sociedade”

R.G: A família é muito importante na nossa sociedade. Eu lembro de estar escrevendo sobre um oficial específico e as forças de inteligência telefonarem para os meus pais e pedirem para eu parar de escrever sobre o assunto. A sociedade é diferente, então eles jogam com jeitos diferentes de te pressionar, por meio dos seus pais, por exemplo.

Z: Como é o acesso dos jornalistas aos prisioneiros em greve de fome?

L.A: Você não pode visitá-los a não ser que seja um parente de primeiro grau, ou seja, se você for mãe, irmã, filha. Então eu fui visitar as famílias antes, e ver a sua perspectiva. Quando os prisioneiros foram soltos, eu fui encontrá-los e consegui a sua versão da história. Acho importante voltar porque quando uma pessoa interrompe a greve de fome, não significa que sua causa acabou. Eu entrevistei cinco prisioneiros, e acho que dois anos depois estavam todos de volta na prisão. E porque a primeira detenção foi coberta na mídia, a segunda tende a passar mais despercebida. A mídia cobriu uma vez, por que cobriria de novo? Eles também voltaram a fazer greve de fome, e ninguém prestava mais atenção.

R.G: Complementando a fala, a principal fonte se você quer escrever sobre prisioneiros é um advogado. Porque ninguém vê os prisioneiros a não ser o advogado, às vezes a família. Mas até a família, durante a greve de fome, não os vê. Então o advogado é a única fonte de informação que você consegue.

Na semana passada, foram realizadas manifestações para o Dia da Terra Palestina. Como Israel reage aos protestos hoje?



Foto: Marina Oliveira/Zero

Rita Abu Gosh e Linah Alsaaf escrevem, de Londres, a respeito do conflito que acontece na região Palestina

L.A.: O Dia da Terra, por ter se tornado um dia tão monumental. Todos os anos há um protesto central com milhares de pessoas. Mas é um negócio mais familiar. Eles marcham pra as três cidades palestinas onde os protestos iniciaram em 1976. Na maioria das vezes é pacífico, para afirmar a identidade palestina. A reação de Israel... Eles sabem que esses protestos vão ocorrer num ambiente controlado. Eles não vão sair do controle.

R.G.: Você tem que levar em consideração que há protestos contínuos em toda parte, não só no Dia da Terra. A reação israelita nos protestos contínuos é muito mais dura, não é realmente tão pacífica como no Dia da Terra. Desde outubro, trezentos palestinos morreram.

Z: Em protestos?

L.A.: Sim. Desde outubro, protestos começaram espontaneamente. Você tem pessoas jovens, a maioria adolescentes, indo aos pontos de inspeção de soldados e os esfaqueando. E eles levam tiros em troca. Desde outubro, cerca de 300 palestinos foram assassinados, e no lado israelita foram 27 mortos. Você compara os números e é realmente desproporcional. Nos protestos, Israel tem uma política de “atirar para matar”. Eles atiram em pessoas que consideram ameaçadoras, mas eles não realmente têm uma definição de como uma pessoa ameaçadora parece. Eles atiraram em garotas com tesouras nas mãos, garotas de catorze anos. Nós estamos falando de soldados totalmente armados encarando uma garota escolar de 14 anos com tesoura nas mãos.

Z: Como a Autoridade Palestina intervém no conflito?

L.A.: Eles interpretam o mesmo papel que Israel, mas em nível local. É um regime autoritário, restritivo e

repressivo. Não tolera nenhum dissidente. Se você protesta contra, eles vão reprimir. Eles prenderam ativistas e jornalistas antes. É realmente difícil porque você pensa que esse é o seu povo, porque você está encarando uma ocupação por um povo estrangeiro e pelo seu povo ao mesmo tempo. As reações, as táticas e a tortura podem ser piores do que as israelitas. É uma realidade muito difícil para algumas pessoas compreenderem. Eu não quero generalizar, mas é o motivo de algumas pessoas não desejarem se envolver com a política.

Z: Como os estrangeiros enxergam a Palestina? Vivendo fora de lá, sua visão sobre o país mudou?

L.A.: Muitas pessoas nos veem como as vítimas. Os jornalistas usam imagens muito gráficas como as Intifadas. Eu entendo porque usam essas imagens e não os culpo. Mas, ao mesmo tempo, eu penso que ao perseguir essa narrativa, eles negam à Palestina sua própria voz para dizer “nós não somos vítimas aqui, estamos sob ocupação, mas estamos lutando por uma causa justa, lutando por dignidade”. Eu acho frustrante tentar explicar para essas pessoas porque elas querem fazer o bem, elas têm boas intenções. Quando você tenta chamar a atenção delas para isso, elas não entendem e se ofendem. E fora da Palestina, em uma cidade multicultural como Londres, você começa a perceber que o mundo não gira em torno da Palestina. Há muitas outras lutas, muitos outros lugares sob colonização.

R.G.: Minha experiência não foi tão diferente. Uma das melhores coisas que aconteceu em Londres foi falar com pessoas do mundo todo. Você descobre que a luta é mais ou menos a mesma. É importante falar da Palestina, como é importante falar de qualquer luta. Porque no final há muitas semelhanças que podemos conectar para fazer a diferença.

Foto: Marina Oliveira/Zero



Rita conta como sua família foi pressionada pela ANP



Foto: Marina Oliveira/Zero

Linah começou a escrever depois da Primavera Árabe

Entenda o conflito entre Palestina e Israel

De um lado, 2,2 mil palestinos. Do outro, 73 israelenses. Esse é o número de mortos nos confrontos entre Palestina e Israel em 2014. A desproporção de forças é o retrato do conflito que se estende por quase 70 anos. Os palestinos vivem a ocupação do território por Israel desde 1948. Durante esse período, mais de 10 milhões de palestinos se tornaram refugiados, de acordo com a Organização para a Libertação da Palestina (OLP).

A área destinada ao Estado de Israel foi escolhida pela Comissão Especial das Nações Unidas para a Palestina e os motivos para a decisão tinham base “bíblica e histórica”, segundo o relatório apresentado pela Comissão. A Organização das Nações Unidas (ONU) dividiu o território palestino entre os dois países, Palestina e Israel, mas depois da 1ª Guerra Árabe-Israelense, vencida por Israel em 1948, o espaço da Palestina foi reduzido à metade.

A primeira intifada, levante popular palestino contra as forças de Israel na faixa de Gaza, teve início em 1987. Um de seus resultados foi a assinatura dos acordos de paz de Oslo, firmados entre a OLP e Israel em 1993. No documento, a organização palestina renunciou à violência e reconheceu o “direito” de Israel “de existir em paz e segurança”.

Depois da assinatura do acordo, foi criada a Autoridade Nacional Palestina (ANP), que representa os palestinos nos fóruns internacionais. A Faixa de Gaza foi devolvida aos palestinos a partir de 1994. Mas, em 2000, a violência voltou a se intensificar na região, e teve início a segunda intifada palestina. Desde então, israelenses e palestinos vivem num estado de tensão e conflito permanentes. ☹

Gabriela Prestes

gabriela Prestes@gmail.com

Matheus Alves

matheusalvesdealmeida@gmail.com



Baixe o aplicativo para leitura do código – *QR droid* (Android) ou *QR Reader* (iOS) – e confira as reportagens na íntegra.



“O peixe sumiu. Não tem mais como sobreviver da pesca, hoje ela é um complemento”, diz o pescador Mica Ferreira, morador de Ratonos há cerca de quatro décadas

BALNEABILIDADE

Poluição sanitária no norte da Ilha prejudica a pesca no Rio Ratonos

Ações propostas para resolver problemas não foram suficientes

Florianópolis completa um século da inauguração do primeiro sistema de esgotos do município em 2016. Ainda assim, segundo a Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (Casan), apenas 57% da população tem acesso à rede de tratamento de esgoto. Os graves problemas relacionados ao saneamento e à contaminação das águas comprovam as deficiências de uma cidade que foi povoada de maneira desordenada em suas zonas costeiras - praias, lagoas e manguezais.

Pescadores da comunidade de Ratonos deixaram de trabalhar e se divertiram com a pesca por complicações que ameaçam a Bacia Hidrográfica do Rio Ratonos, a maior do município. O manancial deságua entre as praias de Sambaqui e Daniela. Está ameaçado pelo despejo de resíduos, especialmente no principal afluente, o Rio Papaquara. Há também trechos assoreados por escombros de antigas comportas que impedem a passagem da água salgada.

“O peixe sumiu. Não tem mais como sobreviver da pesca, hoje ela é um complemento”. Valmir Euclides Ferreira, 64 anos, não esconde o desânimo ao falar sobre a atividade que escolheu para criar raízes. Morador de Ratonos há cerca de 40 anos, Mica, como é conhecido pelos amigos, quase não navega mais no maior rio de Florianópolis. A descrença na solução dos

problemas que ameaçam a atividade pesqueira e a saúde do rio é muito difundida entre os membros da Associação dos Pescadores do Rio Ratonos (APRR), fundada em 1991 e que conta hoje com 34 membros.

A poluição do Rio Papaquara, que nasce na região de Canasvieiras e Cachoeira do Bom Jesus, é um dos principais fatores que afetam a pesca na Bacia. O principal afluente do Rio Ratonos deixou de ser navegável há décadas. “Até 1973, 1974, se pescava bastante por lá. Era um rio que tinha muito robalo, muita tainha. Aí veio a poluição e acabou com tudo”, conta Mica. De acordo com o pescador, para salvar o rio é necessário um processo de dragagem completo - remoção de resíduos do fundo do rio para recuperar a profundidade natural.

O rio sofre com a falta de fiscalização eficaz do despejo do esgoto, tanto pelas comunidades costeiras - especialmente na região da Vargem Grande e Vargem Pequena -, quanto pela Casan, através da Estação de Tratamento de Esgoto de Canasvieiras (ETE). Quando eclodiram os casos mais graves de poluição no Rio do Brás em janeiro deste ano, a APRR e outras iniciativas comunitárias do Norte da Ilha, como o Conselho Comunitário Pontal de Jurerê (CCPontal), apoiaram a ação encaminhada pelo Ministério Público Federal (MPF) à Justiça Federal, exigindo que a Casan interrompesse o lançamento de efluentes

no Papaquara.

Sílvio de Souza, chefe da Unidade de Conservação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), afirma que os efluentes despejados no Papaquara pela ETE de Canasvieiras, mesmo tratados, poluem o rio pois “são lançados fora dos padrões para diversos componentes, como fósforo, óleos, graxas, entre outros”. Garante também que a carga orgânica despejada no Papaquara ocasiona crescimento acelerado de macrófitas aquáticas como os aguapés, em um processo conhecido como eutrofização. “A consequência da eutrofização é a drástica redução de oxigênio na água, morte de peixes e crustáceos, perda da biodiversidade e aumento do assoreamento”. De acordo com o Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), o rio não poderia receber nenhum tipo de efluente, mesmo tratado.

Outra preocupação dos pescadores é a retirada das comportas construídas sob as duas pontes da SC-

402. Ao impedir que a água salgada suba, as comportas contribuem para o desaparecimento de espécies marítimas. Peixes como a tainha, o robalo e a manjuba não conseguem subir o rio. A falta de nutrientes das águas salgadas também impede o desenvolvimento do manguezal e o crescimento de camarão.

Virgínio Manoel dos Santos, presidente da APRR, conta que elas foram construídas pelo extinto Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS), no final da década de 50, período em que o pecuarista Celso Ramos era governador de Santa Catarina. As comportas foram a solução encontrada para a salinização das pastagens de Ratonos e demais regiões do Norte da Ilha. A atividade agropecuária, principalmente a produção leiteira, era prejudicada pelos períodos de maré cheia. A pacata comunidade tinha um papel fundamental na produção agrícola da Ilha. Era comum, principalmente até meados dos anos 60, a prática do escambo nas margens do Rio Ratonos. Embarcações de Jurerê e Daniela atravavam para trocar frutos do mar como camarão, ostra, marisco e berbigão por farinha de mandioca, açúcar, cachaça, café e frutas em geral. Apesar de chamar o bairro de uma terra “esquecida politicamente”, Virgínio considera positivo o desenvolvimento ainda ser pequeno na região se comparada aos arredores.

No início deste mês, numa reunião envolvendo Sílvio Souza (ICMBio e APRR), o Secretário da Casa Civil do Governo do Estado de Santa Catarina, Nelson Antônio Serpa, e o presidente



Miriam Amorim/Zero

A linha do tempo do saneamento urbano

Em 1862, os esgotos dos moradores eram depositados em barris de madeira e despejados pelos escravos nas praias e córregos da então Desterro. Em 1916 é inaugurado o primeiro sistema de esgotos de Florianópolis, com coleta, afastamento, tratamento e disposição final oceânica. Cerca de 50 anos depois o esgoto volta a ser lançado ao mar, mas a partir da década de 80 inicia-se a instalação de redes privadas e públicas de esgoto.

1982

Instalação de rede privada de esgotos em Jurerê Internacional e na Base Aérea de Florianópolis;

1985

Loteamento Parque da Figueira, no Bairro Saco Grande, foi beneficiado;

1987

Comunidade do Morro da Caixa, no Estreito, e o Conjunto Panorama, em Capoeiras, foram beneficiados.

1988

Entra em operação o sistema de esgotos sanitários na Lagoa da Conceição;

2016

São coletados 56% do esgoto em Florianópolis.

1996/98

Programa PROSANEAR implanta sistemas de esgotos em dez comunidades de baixa renda em Florianópolis;

1995

Entra em operação o sistema de esgotos sanitários em Canasvieiras;

1994

Entra em operação o sistema de esgotos sanitários na Grande Florianópolis, em Potecas/ Forquilha

da Associação de Moradores de Rationes (AMORA), Flávio de Mori, foram apresentados estudos e projetos para a retirada das ruínas. A obra, orçada em dois milhões de reais, aguarda licitação e execução. A retirada das comportas permitirá a restauração parcial do impacto socioambiental causado e a recuperação de aproximadamente mil hectares de manguezais. Se realizada, será a maior ação do tipo na história de Florianópolis.

Para verificar as causas da poluição, o Programa Floripa Se Liga na Rede, uma iniciativa da Prefeitura e da Casan criada em 2013, realizou mais de 19 mil inspeções em sete bairros da cidade - Barra da Lagoa, Cachoeira do Bom Jesus, Canasvieiras, Costa da Lagoa, Ingleses, Lagoa da Conceição e Ponta das Canas - entre outubro de 2013 e abril de 2016. Segundo o relatório parcial do programa, as inadequações mais comuns são a ausência da caixa de gordura e a falta de conexão do imóvel à rede de esgoto sanitário. Dos 1722 imóveis inspecionados em Canasvieiras, 51,6% possuía ligações irregulares. A falta da caixa de gordura era a causa de 822 delas.

Canasvieiras, a principal praia do Norte da Ilha, já teve todos os oito pontos de análise declarados inadequados para banho, segundo os relatórios da Fundação do Meio Ambiente (Fatma) publicados no último verão. No último relatório de março, dois pontos continuam impróprios: em frente à Avenida das Nações e ao lado esquerdo do trapiche - ponto mais próximo da foz do Rio do Brás. Freqüentadores da região encontraram as águas e as areias escuras, além do mau cheiro durante todo o mês de janeiro. Muitos turistas anteciparam a volta pra casa por conta da poluição.

Os resíduos encontrados no mar de Canasvieiras vêm carregados pelo Rio do Brás, que dependendo dos períodos de chuva e da maré, deságua num dos costões da praia. A estação de bombeamento da Casan no rio teve sua ca-

pacidade extravasada por causa das chuvas de verão, e foi desativada no começo do ano. Desde então, todo o efluente final da ETE é lançado no Rio Papaquara. Engenheiro sanitário e ambiental responsável pela Gerência de Políticas da Operação (GPO) da Casan, Rodrigo Maestri diz que apesar do aumento de 50% do esgoto em relação ao mesmo período da temporada anterior, a ETE de Canasvieiras suportou a demanda. O engenheiro aponta as ligações clandestinas como a principal causa da poluição da praia: "A balneabilidade é reflexo imediato da correta ligação dos moradores com a rede de esgoto e de um sistema de drenagem eficiente nas ruas". A companhia se prepara para iniciar ainda este ano uma obra que aumentará em 50% a capacidade da ETE. O custo estimado é de nove milhões de reais.

Para Afonso Veiga Filho, diretor da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental de Santa Catarina (ABES-SC), o problema da poluição nas águas da Região Norte de Florianópolis é maior do que as ligações clandestinas. Além de ser uma questão de cunho político há pelo menos 30 anos, a questão da balneabilidade seria resultado do mau planejamento sanitário e urbano e do crescimento populacional descontrolado. A solução proposta por Afonso é fazer um estudo hidrológico e hidrográfico da cidade inteira, levando em conta as bacias sub hidrográficas, seus funcionamentos a densidade populacional de cada região. A partir daí, seria possível pensar medidas cabíveis para administrar e solucionar cada problema.

Na praia de Canasvieiras, antes de existir a ETE, o esgoto ia para bocas de lobo e drenagem, e se diluía na água. Quando a Casan instalou o sistema de tratamento, construiu três elevatórias, uma delas no Rio do Brás. O resíduo antes jogado no mar, agora se concentra nas elevatórias e é lançado para a estação do Norte da Ilha. Afonso afirma que a elevatória do Rio do Brás



Presidente da APRR diz não confiar na solução que foi proposta para o problema

não estava funcionando corretamente por causa de problemas na ligação da bomba. O esgoto concentrado vazou para o rio, causando a grande poluição na praia no começo do ano. ☹

.....
Juliana Fernandez
julianafernandez94@gmail.com
Luisa Scherer
scherer.luisa@gmail.com
Pedro Stropasolas
pedrostropasolas@gmail.com
Miriam Amorim
amorim.miriam@gmail.com



Baixe o aplicativo para leitura do código - *QR droid* (Android) ou *QR Reader* (iOS) - e confira as reportagens na íntegra.

Arte, música e Boi de Mamão para ocupar a Alfândega

Direito a cidade, cultura e ocupação dos espaços públicos foi o tema do encontro “Vai Começar”, que aconteceu no primeiro sábado de abril, 2, no Largo da Alfândega, em Florianópolis. As atividade promoveu o debate sobre a importância de ações culturais em busca de uma ocupação mais democrática e humanizada dos espaços urbano, com foco na necessidade da propagação dos diferentes tipos de artes e brincadeiras ligadas à cultura popular brasileira. O evento contou com a participação de aproximadamente 70 pessoas, que participaram de intervenções teatrais, roda de coco, exposição de arte, apresentação de Boi de Mamão e cinema a céu aberto.

Baixe o aplicativo para leitura do código - *QR droid* (Android) ou *QR Reader* (iOS) - e confira as reportagens na íntegra.



Fotos: Vitor Shimomura/Zero



Vitor Shimomura
vitorshimomura@gmail.com